

Débito de US\$ 63 bilhões é inferior ao volume de dólares que o Brasil tem. Para governo, economia está menos vulnerável a crises

Reservas superam valor da dívida externa do país

RICARDO ALLAN

DA EQUIPE DO CORREIO

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, comemorou ontem o fato de as reservas internacionais do país terem ultrapassado o valor da dívida externa da União na semana passada. De acordo com os números da Secretaria do Tesouro Nacional, a dívida ficou em US\$ 63,284 bilhões, enquanto as reservas somam US\$ 64,019 bilhões. Na prática, era como se o governo tivesse uma espécie de crédito a receber no valor de US\$ 734,726 milhões. Para o ministro, isso prova que a economia está mais sólida e menos vulnerável a turbulências externas.

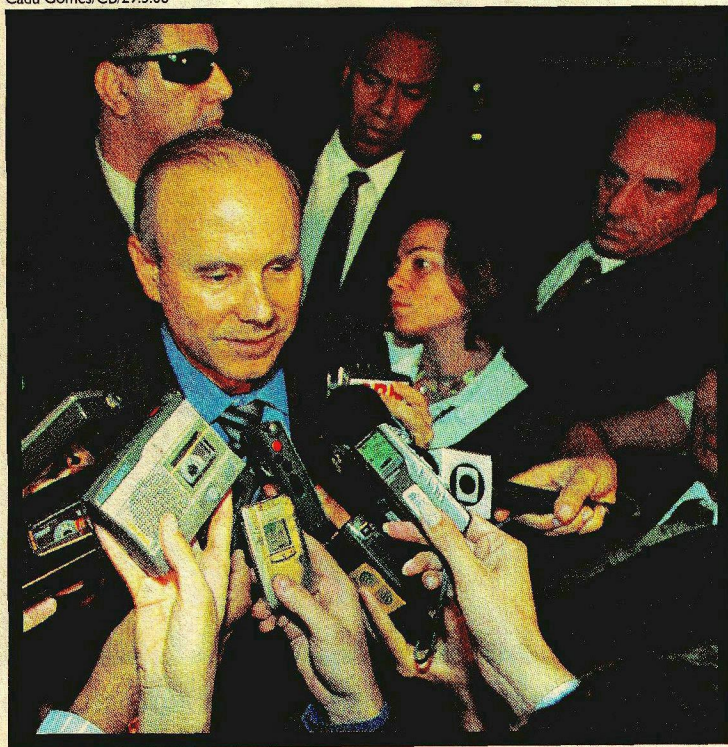
“É um feito importante. Talvez seja a primeira vez na história do país que tenhamos essa situação. Isso mostra o avanço que nós tivemos nas contas externas e nos dá tranquilidade para enfrentar eventuais problemas e turbulências na esfera internacional”, afirmou Mantega numa entrevista improvisada na frente do ministério.

Embora ele tenha imaginado que a situação era inédita, dados do Banco Central mostram que ela já ocorreu entre março e agosto de 1998, quando as reservas somaram US\$ 70,898 bilhões e a dívida era de US\$ 66,943 bilhões. “O Brasil não só saiu do cheque especial como agora já é credor”, celebrou.

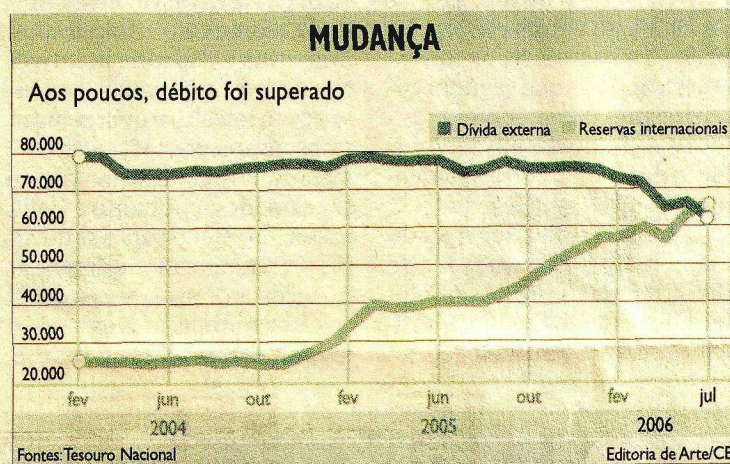
O ministro deu a boa nova ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que determinou a divulgação do dado pelo porta-voz André Singer. “O presidente Lula ficou muito satisfeito porque uma das prioridades do nosso governo era reduzir a vulnerabilidade externa. Sem isso, você não pode ter crescimento sustentável”, afirmou Mantega. Em tom triunfalista, o ministro garantiu que o atual ciclo de crescimento da economia não será interrompido por nenhuma crise externa. “As condições que atingimos nos dão tranquilidade para passar ao largo de eventuais tormentas.”

Ao ser lembrado de que nada impede que o saldo fique negativo, Mantega ressaltou que as reservas variam, mas estão “em franco crescimento”. Além disso, lembrou, o Tesouro continua sua política de recomposi-

Cadu Gomes/CB/29.3.06



GUIDO MANTEGA, MINISTRO DA FAZENDA: AVANÇO NAS CONTAS EXTERNAS



ção das reservas, comprando dólares no mercado para aumentar esse colchão de emergência. “A tendência é que a gente continue comprando. Só que isso não é mais necessário para enfrentar situações momentâneas. Já temos os recursos para o pagamento dos vencimentos nos próximos anos. Estamos numa situação bastante confortável”, repetiu.

Vantagem

O ministro assegurou que a situação positiva deve perdurar, mesmo que haja alguma oscilação mais à frente no nível das reservas. A tendência, segundo ele, seria o valor total das divisas atingir níveis de outros países emergentes, co-

mo a Rússia e a Coreia do Sul. Para Mantega, mesmo com custos maiores da aplicação da reserva no mercado internacional, sua elevação ainda compensa. A vantagem seria a maior confiança dos investidores, com a conseqüente queda do risco-país e nos juros de títulos de longo prazo.

“O mercado internacional vai olhar para o Brasil e ver que o país tem capacidade de pagamento, está sólido. Então, não haverá preocupação ou especulação cambial contra o Brasil”, disse. Os investidores prefeririam comprar papéis brasileiros em vez de apostar em países sem reservas suficientes para cobrir as dívidas ou com saldos negativos nas contas externas.

Fluxo positivo

Depois do forte movimento de saída de dólares do Brasil em junho, o mercado de câmbio se acalmou nas duas primeiras semanas deste mês e o fluxo cambial ficou positivo em US\$ 1,942 bilhão, conforme informação do Banco Central. Por isso, o valor da divisa está em baixa: ontem, a moeda norte-americana sofreu queda de 0,73% e fechou cotada a R\$ 2,17.

Em junho, os dados mostraram que houve uma saída líquida de dólares da ordem de US\$ 2,676 bilhões, determinada pelo nervosismo que tomou conta dos investidores naquele mês. Com o melhor resultado da primeira quinzena de julho, o saldo acumulado de dólares que entraram no Brasil de janeiro até o último dia 14 de julho ficou em US\$ 25,072 bilhões, praticamente retomando o nível de maio, que já era maior do que o ingresso de dólares verificado em todo o ano de 2005.

Para economistas, entretanto, o saldo positivo no fluxo cambial deste mês ainda não pode ser visto como uma recuperação do otimismo em relação ao Brasil que havia sido a tônica entre os investidores até maio. Isso porque, apontam, o fluxo financeiro — que registra as operações com títulos, ações, pagamentos de dívida externa — líquido continuou negativo, embora em um ritmo mais fraco: US\$ 1,366 bilhão na primeira quinzena de julho, ante US\$ 6,251 bilhões em todo o mês de junho.

Nessa conta, as operações de compra de dólares somaram, entre 1 e 14 de julho, US\$ 4,765 bilhões e as de venda, US\$ 6,161 bilhões. No acumulado do ano, o saldo líquido no segmento financeiro está negativo em US\$ 6,088 bilhões. “É possível perceber uma boa melhora em relação a junho, que foi um mês muito ruim”, disse a economista-chefe do banco Mellon Global Investments, Solange Srouf.